

Apresentação: Estudos da Linguagem e Etnografias - caminhos percorridos, subversões e possibilidades

Roberto Perobelli (UFES)
Alexandre José Cadilhe (UFJF)
Janayna Bertollo Cozer Casotti (UFES)

A complexidade de sua história é uma das razões pelas quais a etnografia não tem um significado único, bem definido. Ao longo do tempo, e em cada um dos diversos contextos disciplinares mencionados, seu sentido foi reinterpretado de diferentes maneiras, adaptando-o a circunstâncias novas.

Martyn Hammersley & Paul Atkinson (2022, p.19)

As últimas décadas evidenciam, no Brasil, a intensificação da referência a princípios etnográficos nos modos de fazer pesquisas nos estudos da linguagem e suas interseções com as ciências sociais, a educação, a comunicação social, entre outras. Nessa mobilização, ora assumindo a etnografia como um método, ora modalizando como de inspiração etnográfica ou, mais recentemente, assumindo-se etnografia como uma episteme ou um modo de pensar o mundo social, torna-se significativo que pesquisadores/as cada vez mais especifiquem, proponham ou argumentem de que modo o pensar etnográfico está constituindo a pesquisa realizada. Nessa perspectiva, concordamos com Santos, Jung e Silva (2019) ao afirmarem que “não partimos da premissa de que a etnografia é uma metodologia pertencente à Antropologia. Em Linguística Aplicada, como também em outras áreas de conhecimento, a etnografia tem sido uma prática recorrente na produção de conhecimento” (p. 147).

O fazer etnográfico articulado aos estudos da linguagem tem se mostrado produtivo nos grupos de pesquisa que coordenamos: GLIE - Grupo Linguagem, Interação e Etnometodologia (UFES/CNPq), LAEDH - Linguística Aplicada, Educação e Direitos Humanos (UFJF/CNPq) e GPLPT - Grupo de Pesquisa em Leitura e Produção de Textos (Ufes/CNPq). Quanto ao primeiro, as pesquisas de Reis (2019), Goulart (2020), Mariano (2020), Mascarenhas (2020), Couto (2021), Coan (2022) e Lemos (2022), todos estes tendo realizado um trabalho de imersão intensa no cotidiano escolar. Além do contexto escolar, o contexto de atendimento em saúde também foi contemplado em Ostermann e Perobelli (2019). Antes do início do grupo, porém, já em Divan e Perobelli (2008) foi feita uma reflexão a respeito do paradigma qualitativo. Quanto ao segundo, destacamos as dissertações de Azevedo (2020) e Francisco (2020), cujo olhar etnográfico considera interações e textos em circulação na formação de professores de

Língua Portuguesa comprometida com a educação em Direitos Humanos, bem como a dissertação de Veiga (2021), que mobiliza a etnografia para a construção de inteligibilidade sobre branquitude e racismo em letramento escolar. Por fim, Guedes-Neto (2021) engaja-se em uma etnografia de textos para analisar narrativas em um movimento *ativista* de gênero e sexualidade. Parte significativa dos fundamentos que orientam as pesquisas do grupo encontram-se em Cadilhe (2020) no que se refere a uma etnografia de textos, e em Cadilhe (2020b) na perspectiva da análise de narrativas situadas etnograficamente. Quanto ao terceiro, consideramos importante mencionar os estudos que têm buscado especialmente as relações entre os pressupostos da auto/etnografia e o processo de formação docente. As teses de doutorado de Basoni (2022) e Merlo (2022) constituem resultados importantes das orientações que desenvolvemos no contexto do grupo, uma vez que problematizam paradigmas positivistas de formação e apontam para a importância de se considerar a subjetividade, as emoções, as narrativas que constituem a identidade dos sujeitos em (form)ação.

Propomos, assim, construir inteligibilidade para a complexidade do(s) fazer(es) etnográfico(s) a partir das circunstâncias tempo-espaciais das pesquisas reunidas neste dossiê. No que tange aos estudos da linguagem, para além da reiteração dos modos convencionais de etnografia como uma descrição densa da participação numa comunidade, são também emergentes estudos que colocam sob escrutínio discursos em circulação em diferentes eventos institucionais ou não, em contextos virtuais ou não, desafiando o/a pesquisador/a em um engajamento de observação e participação não convencionadas nos clássicos manuais oriundos da antropologia.

O trânsito entre etnografia e estudos da linguagem não é recente. Por exemplo, foram nos anos 1990-2000 que coletivos de pesquisas na Grã-Bretanha articularam-se em torno de uma *etnografia linguística*¹ enquanto “um lugar de encontro em que um número de linhas de pesquisa estabelecidas interagem, unidas pelas circunstâncias, abertas ao reconhecimento de novas afinidades e suficientemente familiarizadas entre si para tratar as diferenças com equanimidade” (RAMPTON, 2020, p. 212). Esse *lugar de encontro* foi assim denominado em alternativa a *antropologia da linguagem* justamente por comportar pesquisadores/as oriundos de outras trajetórias intelectuais que não a Antropologia *per se*. Princípios em comum nesse encontro? Segundo Rampton (2020), seriam dois: (a) parte-se da perspectiva de que contextos

¹ Optamos por *etnografia da linguagem* em consonância com produções recentes no Brasil (cf. GARCEZ; SCHULZ, 2015; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019 dentre outros), com a intenção de não reduzir os estudos da linguagem ao que convencionalmente se reconhece como Linguística no Brasil. Contudo, ao fazer menção ao texto de Rampton (2020), utilizamos a expressão *etnografia linguística* por ser a tradução adotada no texto de referência.

não devem ser pressupostos, e sim investigados, considerando-se fatores culturais, históricos, ideológicos de onde significados emergem ou são construídos; (b) a análise dos recursos verbais e outras semioses são fundamentais, os quais jamais se reduzem a uma *expressão de ideias*.

Ainda considerando-se a experiência britânica nos anos 1990, cinco *programas* de pesquisa articularam-se na composição de uma etnografia linguística, na análise de Rampton (2020): (i) a Sociolinguística Interacional e sua agenda voltada para análise da interação social de forma empírica e situada, abrindo caminhos em seguida para a Análise da Conversa; (ii) os Novos Estudos de Letramentos, que lançaram luz ao modo como a etnografia possibilita construir uma compreensão sobre os usos dos letramentos, cujos resultados apontam para uma complexidade que não se reduz a um corolário de habilidades e competências; (iii) a Análise Crítica do Discurso e seus esforços empíricos ao analisar densamente como formas textuais (sobretudo midiáticas) são produzidas, postas em circulação e *consumidas* – ainda que a etnografia tenha se imposto como um desafio aos analistas do discurso naquele momento; (iv) os estudos neovygotksyanos, cujos conceitos de *zona de desenvolvimento proximal* e *andamento* foram produtivos a um olhar sensível para processos de aprendizagem, colocando sob escrutínio dimensões cognitivas da interação social; (v) a linguística aplicada voltada para o ensino de línguas e formação de professores (reiterando que estamos fazendo menção aos anos 1990!), cujo olhar etnográfico assumiu um papel fundamental para a compreensão de práticas situadas na micropolítica das interações cotidianas de educação e formação docente.

Se esses movimentos e diálogos marcaram pesquisas em etnografia da linguagem no contexto britânico, pode-se dizer que no Brasil movimentos parecidos já ocorriam, em especial pela crescente popularização da Linguística Aplicada no país e o retorno de pesquisadores/as cuja formação deu-se, em boa parte, no norte global. Obras de autores/as como Moita Lopes (1996) e Signorini e Cavalcanti (1998) já apresentavam a produtividade da etnografia para as pesquisas sobre ensino de línguas e formação docente, ainda que a expressão *etnografia da linguagem* estivesse mais subentendida do que definida – as demandas da época evocavam em especial esforços para a construção do campo de uma Linguística Aplicada que explodisse os limites de uma aplicação da linguística, por exemplo.

Compreendemos que a ideia em torno de uma etnografia da linguagem ganha maior inteligibilidade, no Brasil, como a publicação do artigo de Garcez e Schulz (2015), os quais investem em um enquadramento reflexivo acerca das pesquisas etnográficas por eles (e seu grupo de pesquisa) desenvolvidas em salas de aula da educação básica como um modo de compreender não somente as articulações da linguagem e interação, mas também os fatores

sociais, culturais e políticos que demandam um olhar circunstanciado pelo/a linguista aplicado/a. Segundo os autores,

quanto mais se exige que a investigação esteja voltada para a resolução de problemas mediante trabalho investigativo conjunto em configurações variadas de especialistas acadêmicos e profissionais, mais demanda há para os olhares circunstanciados para ocorrências reais, particulares, mediadas por práticas de linguagem, de ações situadas ecologicamente, isto é, de etnografia da linguagem (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p.25)

Assim, neste dossiê, objetivamos reunir estudos que colocam em reflexão pesquisas nos diferentes campos dos estudos da linguagem e suas interseções que reivindicam a etnografia como perspectiva metodológica, teórica, praxiológica ou epistêmica. Foram consideradas contribuições indisciplinadas situadas na educação, na saúde, no direito, na comunicação, nas ciências sociais etc. e que também dialogaram com os campos dos estudos da Análise da Conversa, Análise do Discurso e/ou Sociolinguística Interacional, entre outras abordagens discursivas e interacionais, como possibilidades de análise de dados gerados em estudos etnográficos.

Contudo, a reflexão permanece: o que há em comum nas pesquisas que, aqui, estamos assumindo a etnografia da linguagem como um espaço de encontro? Talvez alguns índices nos ajudem: Notas de campo. Observação participante. Geração de dados audiovisuais. Entrevista. Consentimento. Para quem lança mão de abordagens qualitativas de pesquisa, essas não são apenas palavras-chave, mas palavras-porta, palavras-janela, palavras-chão, entre outras. Porém, observar, anotar, perguntar, filmar, fotografar costumam ser ações insuficientes em um trabalho que se guia por alguma pauta etnográfica. Para ilustrar essa insuficiência, apresentamos nos próximos parágrafos uma breve narrativa como um exercício acerca das demandas e possibilidades de uma etnografia da linguagem.

Uma pesquisadora mobilizou-se para realizar uma pesquisa de campo em uma escola de periferia em uma cidade de médio porte (cerca de 500 mil habitantes). O bairro em que essa escola se localiza foi formado em torno da penitenciária que tinha sido construída na região. A partir da construção desse equipamento público, as famílias dos primeiros aprisionados resolveram ocupar irregularmente o entorno (para evitar grandes deslocamentos em dias de visita), e essa ocupação foi crescendo a ponto de a Prefeitura Municipal precisar tomar providências para tornar o espaço público habitável e seguro, com todos os recursos necessários para uma vida com mobilidade urbana, saneamento básico, atendimentos em saúde (UBS) e em

educação (creche e escola). Muitos anos depois, a escola desse bairro, fisicamente distante da sede da Secretaria de Educação do município, era considerada uma escola-referência para toda a rede, dada a qualidade do ensino que se oferecia ali. A pergunta motivadora pela qual a pesquisadora deste relato buscou desenvolver seu projeto era: o que, afinal, os agentes daquela escola faziam que tornava aquela uma escola-referência?

Ocorre que essa pesquisadora tinha por hábito usar roupas que lhe conferiam um estilo próprio e peculiarmente distinto de todo o restante dos membros daquela escola; o veículo com o qual ela se deslocava para a escola não era também, à época, o que normalmente se chama de carro popular; e a postura ereta e aparentemente segura de si também ajudava a compor a persona da pesquisadora como uma *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Mas isso, aparentemente, não foi impedimento para que ela conseguisse autorização para sua entrada no campo, i.e., no espaço da escola para fazer sua pesquisa. Aparentemente.

Munida de todas as autorizações, desde a concedida pela Secretaria Municipal de Educação até o consentimento dos/as professores/as e dos/das responsáveis pelos/as estudantes, passando pelo assentimento dos/das próprios/as estudantes, a pesquisadora iniciou seu estágio de observação participante. Foi bem recebida na escola e todos/as sabiam que se tratava de uma pesquisadora que passaria a frequentar a escola para observar tudo o que se passava ali, de modo a tentar compreender aos fatores que davam àquela escola o reconhecimento como escola-referência do município. Em termos menos formais, ela era do bem e estava em missão de paz, pois não tinha pretensões fiscalizatórias nem se propôs a estar ali para prestar nenhum tipo de consultoria.

No entanto, mesmo com ventos favoráveis, nossa pesquisadora-personagem parecia não avançar em sua pesquisa. As pessoas pouco lhe davam informações, embora sempre simpáticas; as conversas na sala dos professores eram sempre amistosas, mas sobre amenidades; a interação com estudantes era respeitosa e também tinha pouco a oferecer. O desânimo começou a tomar conta, a ponto de fazê-la pensar em desistir, mudar o foco da pesquisa, observar e pesquisar outra coisa. Até que...

Numa aula de teatro, o professor precisou se ausentar por qualquer motivo e pediu à nossa pesquisadora para tomar conta da turma, só ficar de olho para garantir que as crianças não cometam nenhuma infração. Enquanto isso, a turma já estava dividida em grupos, se ocupando de preparar o cenário da próxima peça que estavam se preparando para apresentar para toda a escola dali a alguns dias. O espaço então estava tomado por crianças debruçadas sobre tiras de papel crepom, colas, tesouras, e era preciso então só vigiar. O professor então sai

de sala e pouco tempo depois uma estudante demonstra precisar de ajuda com um olhar apreensivo para a pesquisadora, que, sem perder tempo, ofereceu: posso te ajudar? Com o aceite, ela pôs de lado suas botas de cano longo e salto-agulha, retirou o sobretudo de lã e sentou-se no chão da escola. Foi auxiliando a estudante com um direcionamento sobre a melhor forma de franzir o papel crepom e, depois colar no papel-cenário. Nesse meio tempo, já rodeada por outras crianças também pedindo ajuda, o professor de teatro entrou de volta na sala e também se envolveu na tarefa de ajudar com a produção da peça, que acabara de ganhar mais uma contrarregra.

Desse dia em diante, as crianças já não tratavam mais a nossa pesquisadora somente de modo protocolar, nem os professores falavam apenas amenidades, já se mostrando até mais disponíveis a fornecer informações sobre as aulas ou sobre as rotinas escolares. Com isso, pesquisa de campo de fato começou. E foi preciso muito mais que protocolo de pesquisa e convívio diário. Para essa etnografia de fato fazer sentido, foi necessário, de um lado, despir-se (não por acaso) de alguns fatores solenizantes em nome da busca pela confiança das pessoas participantes. Do contrário, o relato etnográfico correria o risco de ser apenas uma descrição superficial de uma realidade encenada. De outro lado, foi preciso haver atenção constante às oportunidades de construção de confiança entre participantes e pesquisadora.

A experiência da pesquisadora narrativizada nos parágrafos anteriores nos permite compreender a etnografia como uma política em ação:

refletir sobre pesquisa etnográfica em LA [Linguística Aplicada] extrapola nossos pressupostos analíticos especializados e nossas perguntas específicas acadêmicas. Ao tentar elucidar nossos problemas de pesquisa, como parte de uma política de conhecimento que indica sua pertinência entre pares, estamos ao mesmo tempo respondendo às demandas sociais cotidianas e às demandas das instituições governamentais com suas políticas para a educação, como ocorre na maioria das pesquisas em LA (SANTOS, JUNG & SILVA, 2019, p. 148).

Em outros termos, olhar para a escola em um engajamento etnográfico considerando-se sua avaliação como uma instituição de sucesso significa colocar sob escrutínio diferentes escalas das políticas em ação na escola: desde sua organização, projetos, currículos a interações, ações, demandas, práticas desempenhadas pelos seus participantes – professores/as, gestores/as, estudantes. Por outro lado, a pesquisa começa a fazer sentido no momento em que as demandas locais foram também tensionadas e assumidas (ou não) pela pesquisadora – em se tratando da narrativa mobilizada, entendemos que o compromisso e o envolvimento foram fundamentais para a pesquisa que estava em curso.

No que tange ainda a um etnografia da linguagem, coloca-se o convite ao pesquisador/a considerar a experiência etnográfica atravessada pelos diferentes recursos semióticos: as conversas entre os profissionais - cujos enquadres foram alterados; as interações e trocas conversacionais com os estudantes atravessadas pela linguagem verbal e não-verbal; os gêneros presentes nos encontros; os recursos semióticos que se tornaram significativos etc.

Feita esta ilustração, de que modo os artigos aqui reunidos produzem etnografias da linguagem? Os artigos que ora apresentamos dão um panorama importante sobre como trabalhos de natureza etnográfica no Brasil atual precisam ser tratados no plural: etnografias. Nessa confluência de possibilidades, vamos desbravando trajetórias já experimentadas, as subversões inovadoras e as possibilidades que permitem esses entrecruzamentos.

O artigo *Etnografias: pesquisas linguísticas em comunidades tradicionais na Amazônia amapaense*, de autoria de Edna dos Santos Oliveira, Helen Costa Coelho e Romário Duarte Sanches se ancoram na perspectiva de uma etnografia descritiva, ao mesmo tempo em que possibilita a interpretação da cultura. Desse modo, o saber amazônico é evidenciado e se mantém vivo e presente na pesquisa descrita nesse artigo.

Já em *As metáforas do desejo e a alegoria etnográfica*, Gleiton Matheus Bonfante se aventura pela análise da inteligibilidade produzida por participantes em um grupo de WhatsApp acerca das performances do corpo e do desejo on-line. Analisando algumas metáforas, o autor ressalta que “a escrita alegórica é uma forma ética de produzir equívocos”, apontando assim os caminhos políticos e subjetivos pelos quais o desejo se organiza.

Enveredando pelos trajetos iluminados por tecnologias digitais de informação e comunicação, *Etnografia e estudos linguísticos em ambientes on-line: pontos de contato* exploram a etnografia que se faz nesse campo e que já há quem nomeie como etnografia virtual e netnografia. Neste texto, Ana Claudia Oliveira Azevedo e Márcia Helena de Melo Pereira avaliam que essa pesquisa pode contribuir com o aprimoramento de práticas de linguagem a serem desenvolvidas em ambiente virtual.

Outra abordagem relevante no escopo das etnografias diz respeito à autoetnografia, abordagem destacada por Isabel Cristina Gomes Basoni e Marianna Cardoso Reis Merlo no artigo *Autoetnografia e formação docente: histórias e identificações*. Com o intuito de colaborar com os estudos sobre formação docente, uma vez que, segundo as autoras, pela autoetnografia, professores podem assumir-se como sujeitos críticos e produtores de conhecimento. O artigo é resultado de duas pesquisas de doutorado, uma realizada por

professora de língua portuguesa, e outra, de língua inglesa, com vistas a mediar o entrecruzamento entre formação de professores e Linguística Aplicada.

Baseadas na riqueza etnográfica evidenciada em uma comunidade quilombola do interior do Tocantins, Jane Guimarães Sousa e Karylleila dos Santos Andrade produziram o artigo *Cantigas de lindô: uma 'pisada boa' na comunidade remanescente de quilombola de Cocalinho*, que se debruça sobre o léxico característico dessas cantigas para avaliar, com traços decoloniais e de pesquisa-ação, oficinas pedagógicas realizadas nesse campo de investigação. Além de uma importante contribuição para a manutenção e valorização da cultura e dos saberes locais, as pesquisadoras ressaltam o alto valor semântico dessas cantigas.

Já no interior de Minas Gerais, as perspectivas da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversa embasam os estudos etnográficos em um Juizado Especial Criminal. As pesquisadoras Sarah Matos Rocha Mesquita, Ana Paula Cristina da Silva e Amitza Torres Vieira analisam transcrições de dados gerados no ambiente jurídico e investigam os desdobramentos das ameaças nesse contexto sequencial. O artigo *O uso de ameaças em uma audiência no Juizado Especial Criminal* traz, como resultados, uma categorização importante das ameaças como condicional diretivo-comissivo, estruturadas como silogismo formal, voltadas para sustentar a organização sequencial do evento em foco.

A etnografia sobre textos escritos, mais especificamente sobre notas do tradutor, é o destaque do artigo *Sur l'in/visibilité du traducteur dans les notes explicatives de l'édition française de Capitães da areia / Capitaines des sables de Jorge Amado: Analyse des emplois de la lexie "Nègre"*. Neste trabalho, Ruth de Oliveira discute o uso do termo *Nègre* nas notas do tradutor da edição francesa *Capitaines des sables*, de Jorge Amado. O incômodo status sociolinguístico do termo no vocabulário francês leva a autora a suscitar o debate sobre a in/visibilidade do tradutor.

Já em uma aula de língua espanhola, a perspectiva etnográfica adotada por Marcela de Freitas Ribeiro Lopes e Sandra de Cássia Korzawski, vem demonstrar o papel da correção na sala de aula. As autoras de *A correção na fala-em-interação de sala de aula de língua espanhola: uma análise na perspectiva da análise da conversa etnometodológica* mostram que, nos dados analisados, é comum ocorrer a correção após um pedido de ajuda e que, ainda que a ação de corrigir não seja estranhada pelos alunos, fica patente que essa ação precisa ser negociada.

Ainda sobre etnografias em cenários escolares, o artigo *Pensamento e ação: caminhos de uma pesquisa em Sociolinguística Educacional em uma escola pública de Ceilândia – DF*,

cujas autoras são Susana Menezes Araújo e Ormezinda Maria Ribeiro, colocam foco sobre a variação linguística e como essa variação é percebida pelos estudantes. A metodologia é amplamente afinada com uma visão mais descritiva de etnografia, e os resultados são respaldados pela densidade dessa descrição.

Já no artigo *Análise da Conversa: um percurso histórico*, Mayara de Oliveira Nogueira, Antônio Barboza da Silva Júnior e Caroline Moreira Callegari fazem um levantamento histórico nos entrecruzamentos entre Linguística, Sociologia e Antropologia que permitiram à Análise da Conversa ser a linha de investigação que, de alguma forma, congrega essas três perspectivas teóricas.

Na esteira dessa discussão, o artigo *Más que una nota al pie: reflexiones en torno a la perspectiva etnográfica en una investigación sociolingüística en el campo de la salud* se baseia na pesquisa de doutorado de Milagros Vilar e tem como objetivo identificar os mecanismos interacionais através dos quais os profissionais de saúde constroem e mantêm uma identidade como equipe. A reflexão final do artigo ressalta contribuições e desafios que surgem da integração da perspectiva etnográfica na pesquisa sociolinguística e, em particular, sua relevância no campo da saúde.

Em “*Como Paris Hilton diria: Sou periférica sim*” - *Performance Drag e o Sistema Moderno-Colonial de Gênero*, Ana Cláudia Peters Salgado e Ludmila Mendes Ferreira analisam narrativas de textos retirados do Instagram de duas drag queens de Juiz de Fora (MG) e chegam à conclusão de que o fazer decolonial é um constante processo de desamarras de crenças instituídas nos corpos, que, por meio de atos performativos, potencializam resistências a sistemas de poderes e a categorias sociais.

Roberto Perobelli e Luana Santos Lemos se dedicam a compreender as ações humanas em uma situação social, sobretudo se for levada em consideração a mobilização de recursos de naturezas semióticas distintas. O artigo *A inspiração etnográfica e o papel da multimodalidade na análise de uma sequência de fala-em-interação institucional* conclui que os avanços tecnológicos e econômicos, representados por câmeras e microfones cada vez mais portáteis, se consolidam nas atividades de pesquisa neste campo.

A Linguística Sistêmico-Funcional também tem uma perspectiva etnográfica para chamar de sua. É o que mostra o artigo *A influência da Etnografia na emergência da Linguística Sistêmico-Funcional*, em que Anielle Aparecida Fernandes de Moraes confronta Malinowski com Halliday para apresentar seus apontamentos bibliográficos para destacar o quão

significativa foi essa influência para o desenvolvimento e a manutenção do pensamento funcionalista da linguagem.

Por fim, esperamos que a diversidade de leituras e de abordagens represente bem não apenas nosso propósito de mostrar as etnografias no plural, mas também instigue o leitor e a leitora desses artigos a uma ampliação da inteligibilidade a respeito de como os estudos da linguagem e as etnografias se encontram. Assim, será possível compreender os caminhos, as subversões e as possibilidades oriundas desse entrecruzamento.

Referências

AZEVEDO, B. D. **Ressignificando a sala de aula de Língua Portuguesa: narrativas em interação no estágio supervisionado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFJF, 2020.

BASONI, I. C. G. **Espelho, espelho meu, que professora sou eu?** Reflexos e refrações sobre a formação do professor de língua portuguesa e os novos letramentos em um estudo autoetnográfico. 2022. 258f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

CADILHE, A. J. “Não Deveria ter tanta Preocupação se o Projeto é Inócuo”: Trajetórias Textuais e Indexicalidade nos Discursos do Projeto de Lei Infância Sem Pornografia. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 180–196, 2020.

CADILHE, A. J. Narrativas e reflexão epistêmica. In: GOMES JUNIOR, R. C. (Org.). **Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, v. 1, p. 110-134, 2020.

COAN, Ana Luíza Henriques. **Afiliação e temporalidade em uma discussão sobre feminicídio**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2022.

COUTO, C.S. **O choro na interação: o gerenciamento de ações em episódios nos quais o choro é tornado relevante**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2021.

DIVAN, L. M. F. ; PEROBELLI, R. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Gragoatá (UFF)**, v. 25, p. 185-202, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRANCISCO, L. **Letramento e direitos humanos: a vinheta narrativa como dispositivo de reflexão na formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFJF, 2020.

GARCEZ, P. M. e SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online]. V. 31, n. spe, 2015.

GOULART, A. C. F. **As mulheres não são uma ferramenta para os homens: (re)formulação e revozeamento em um debate em sala de aula.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2020.

GUEDES NETO, B. **"Baitola, viado, frutinha... podem gritar, pra mim isso é elogio": narrativas e masculinidades dissidentes em um projeto artista.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFJF, 2021.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia.** Petrópolis: Vozes, 2022.

JUNG, N. M.; MACHADO E SILVA, R. C.; PIRES SANTOS, M. E. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 145–162, 2019.

LEMONS, L. S. **"Estou preenchendo ainda aqui": o gerenciamento da multiatividade da escrita em atendimentos pedagógicos.** Tese (Doutorado em Linguística) - UFES, 2022.

MARIANO, L.S. **"É humana a escravidão?": perguntas, respostas e produção de consenso na gestão da participação em sala de aula contemporânea.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2020.

MASCARENHAS, I.J.S. **"Alguém sabe o que é isso?": O gerenciamento de posturas epistêmicas na ativação de conhecimento prévio.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2022.

MERLO, M. C. R. **Autoetnografia, infâncias e decolonialidades em (trans)formação.** 2022. 396f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

MOITA LOPES, L.P. **Oficina de Linguística Aplicada.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

OSTERMANN, A. C. ; PEROBELLI, R. Novos Estudos do Letramento e Análise da Conversa: O Ajuste ao Interlocutor em Práticas de Letramento em Saúde. **REVISTA DA ANPOLL** , v. 1, p. 142-157, 2019.

RAMPTON, B. Etnografia linguística neohymesiana no Reino Unido. In: FABRÍCIO, B. F. (org.). **Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

REIS, M. C. **Índices de competitividade em sala de aula de inglês como língua estrangeira no 1º ano do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFES, 2020.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e Interdisciplinaridade.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

VEIGA, M. S. **Letramentos catalisadores de reflexões: branquitude e desigualdades raciais em aulas de Língua Portuguesa na Escola.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFJF, 2021.